



O PAU DE FÓSFORO

António Torrado

escreveu e

Cristina Malaquias ilustrou

Era uma vez um fósforo, um pau de fósforo - vejam bem que com tão pouco se começa uma história.

O pau de fósforo perdera a cabeça num fogaréu – história antiga, dolorosa, que nem convém lembrar – e estava ali, que nem para palito servia.

– Não presto para nada – suspirava, muito desconsoladamente, o pau de fósforo.

– Quem tal disse! – exclamou um senhor muito optimista, muito optimista, muito optimista. – Você pode ser aproveitado, como obra de engenharia, para ajudar um carreiro de formigas a vencer um riacho... de formigas, já se vê.

– Que disparate! – contrapôs outro senhor, mas muito pessimista, muito pessimista, muito pessimista. – Passa um pé por perto e salta a ponte de pau e afogam-se as formigas... Uma desgraça!

O pau de fósforo, de cabeça perdida, não sabia por qual se guiar. Pelo optimista? Pelo pessimista? Valia a pena oferecer-se à aventura? Ai, quanto custa decidir!

Neste entretanto, passou a rasar por ele uma andorinha. Zás, em voo de reconhecimento... Passou outra vez, em sentido contrário e levou-o no bico. Estava a construir o ninho num beiral de telhado e aquele pauzinho vinha mesmo a calhar, entrelaçado com outros paus e ramos.

Tudo se aproveita, até um pau de fósforo. Que ninguém diga que não serve para nada.

FIM